



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

LIDIANE SIMONE DO NASCIMENTO ALVES

**CONSIDERAÇÕES ACERCA DO IMAGINÁRIO DA PERSONAGEM RAQUEL NO
LIVRO “A BOLSA AMARELA” DE LYGIA BOJUNGA.**

Campina Grande - PB

2012

LIDIANE SIMONE DO NASCIMENTO ALVES

**CONSIDERAÇÕES ACERCA DO IMAGINÁRIO DA PERSONAGEM RAQUEL NO
LIVRO “A BOLSA AMARELA” DE LYGIA BOJUNGA.**

Monografia apresentada à Universidade
Federal de Campina Grande - UFCG, para
obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

**Orientadora: Prof.^a Dr.^a *Fernanda Aquino
Sylvestre***

Campina Grande - PB

2012

LIDIANE SIMONE DO NASCIMENTO ALVES

**CONSIDERAÇÕES ACERCA DO IMAGINÁRIO DA PERSONAGEM RAQUEL NO
LIVRO “A BOLSA AMARELA” DE LYGIA BOJUNGA.**

Monografia apresentada a Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, para conclusão do curso de licenciatura em Letras.

Aprovado em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Fernanda Aquino Sylvestre

Orientadora

Prof. Dr. José Mário da Silva

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que me possibilitou ter a coragem para realização deste sonho, dando-me forças para lutar nos momentos complicados desta jornada.

A meu marido Alexandre, parceiro em todos os momentos desta caminhada, sempre me incentivando para concretização deste sonho e ao meu filho Lucas, que muitas vezes ficou sem a presença da mãe em momentos importantes da vida.

Aos meus pais, Gilmar e Vera, que estiveram presentes em todos os momentos, sempre fornecendo lições de vida para tornar-me quem sou hoje.

Aos meus amigos de universidade, que farão parte da minha história de vida.

Por último e em especial à Prof.^a Dr.^a *Fernanda Aquino Sylvestre*, pela orientação e dedicação em cada etapa deste trabalho, contribuindo de modo efetivo para a minha formação.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar o livro “A Bolsa Amarela”, escrito por Lygia Bojunga (2009), abordando principalmente o imaginário da personagem Raquel no romance da escritora e como as representações desse imaginário podem estimular a criatividade do público que a lê. Para desenvolver esse objetivo, partimos de uma discussão teórica para, posteriormente, analisar a obra de modo geral. A questão do imaginário muitas vezes é ignorada pelos pais ou até mesmo por professores que não sabem como lidar com esse assunto. Foi pensando nesses aspectos que procurei estudar a obra de Lygia Bojunga, visto que é uma autora que tem o dom de dialogar com as crianças de modo simples, mas tratando de assuntos relevantes para a vida delas.

Palavras-chave: Literatura contemporânea infantojuvenil. Imaginário. Lygia Bojunga.

ABSTRACT

This work aims to study the book "A bolsa amarela" written by Lygia Bojunga (2009), addressing mainly Raquel's imaginary and how the representations of this imaginary can stimulate the creativity of the public who reads Lygia's masterpiece. To develop this goal, we started from a theoretical discussion to later analyze the work of Lygia. The question of imagination is often ignored by parents or even teachers who do not know how to deal with this issue. It was thinking about these things that I tried to study the work of Lygia Bojunga, since it is an author who has the gift of talking with children using a simple language, but dealing with relevant issues to their lives..

Keywords: Contemporary literature for children. Imaginary. Lygia Bojunga.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 A LITERATURA DE HOJE	11
2 LYGIA BOJUNGA E SUAS OBRAS	15
3 FUNTAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
4 A BOLSA AMARELA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	22
5 O MUNDO IMAGINÁRIO EM “A BOLSA AMARELA”	27
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	32

INTRODUÇÃO

A literatura infanto – juvenil surgiu, no Brasil, por necessidades pedagógicas, como algo que pudesse ser utilizado nas escolas. Essa visão foi amplamente fomentada durante o século XIX. De início, povoavam nossa literatura, livros de autores estrangeiros traduzidos e obras adaptadas, com o objetivo de auxiliar o processo de alfabetização. Com o tempo, alguns educadores perceberam a necessidade de inserir valores nacionais na literatura brasileira. De acordo com Coelho (1991), os livros produzidos eram sustentados por quatro pilares: o nacionalismo (culto pela terra e sua origem); o intelectualismo (valorização do livro e dos estudos como forma de ascensão social); o tradicionalismo cultural (ênfase nos autores canônicos como modelos a serem seguidos) e o moralismo aliado à religiosidade. Com o tempo, foram surgindo livros brasileiros, “feitos por brasileiros, tratando de assuntos nacionais, como nossa flora, fauna, geografia e tradições” (Radino, 2003). Nessa época, ainda, percebe-se que a literatura infanto-juvenil era marcada por um viés mais pedagógico do que lúdico. Foi com Monteiro Lobato, que nossa literatura deixou de lado seu caráter convencional, didático, moralista. Lobato passa a utilizar uma linguagem mais simples, aproximando-a da oralidade, tornando seu texto mais agradável e acessível ao público leitor. O autor passou a valorizar o caráter lúdico e de fantasia, mudando a concepção de educação, de infância e juventude e criando um universo verdadeiramente infantil, conforme destaca Carvalho (1984). Os livros do escritor fizeram muito sucesso graças ao fato de atenderem às necessidades das crianças em geral.

Conforme Radino (2003, p. 102), o ritmo criado pelos habitantes do Sítio do Pica-Pau Amarelo girava em torno do brincar e do aprender: “Sempre permeado de um posicionamento crítico, Lobato criou um Universo lúdico que por si mesmo vem acompanhado de sabedoria e aprendizagem. Numa fusão entre o real e o imaginário, deixava a criança livre para aprender brincando. Esse é o caráter pedagógico de sua obra”.

Depois de Lobato, instaurou-se uma época de crise na literatura infanto-juvenil. As décadas de 1930 e 1940 foram décadas de grandes dificuldades no mundo, em geral, como o crack da bolsa de Nova York e a Segunda Guerra Mundial. No Brasil, a época foi marcada pelo Estado Novo e pela ditadura de Getúlio Vargas. Em termos de literatura, houve uma tentativa de reconstrução social, evidenciada no Romance Regionalista, que denunciava os abusos de poder e as condições desumanas de vida da população brasileira, principalmente nas regiões Norte e Nordeste. Houve um aumento da produção literária infantil de caráter educativo. Nesse sentido, pode-se dizer que a literatura dedicada ao público mirim sofreu um retrocesso. Nessas décadas, ainda, houve diversas reformas educacionais visando à formação do cidadão e o progresso da sociedade. Por isso, a fantasia passou a ser condenada e elementos fantásticos como as fadas e bruxas eram encarados como mentiras e não deviam estar presentes na literatura.

Nos anos de 1950, os meios de comunicação de massa se expandem. Leituras como a de Quadrinhos passam a ser divulgadas, porém mal vistas pelo setor educacional. Nas décadas de 1960 e principalmente de 1970 houve uma proliferação da criatividade literária, como forma de fugir das imposições da ditadura e do AI5, que cerceava a liberdade individual. Foi no fim dos anos 1970, com o final da ditadura, que a literatura infanto-juvenil pôde se desvincular de seu viés pedagógico e fez surgir autores de grande qualidade como Lygia Bojunga, objeto de estudo dessa pesquisa.

A autora a ser estudada valoriza em seus textos a fantasia “que tem por base elementos tomados do real” (Sandroni, 1987). Bojunga parte de elementos reais para construir o imaginário das personagens de seus livros e, como consequência, de seus leitores e tem como proposta discutir o comportamento dos seres humanos e as ideologias repressivas que povoam suas vidas sem, contudo, deixar de trabalhar o lúdico em suas narrativas.

Em “A bolsa amarela”, a autora conta a vida de Raquel, uma garota que deseja ser escritora e começa a escrever cartas, fingindo estar só treinando. A menina tem um interlocutor imaginário, André, que responde aos escritos de Raquel. A bolsa amarela, presente de tia Brunilda, fomenta a fantasia da garota, que guarda nela diversos objetos que simbolizam as inquietações da protagonista.

Foi pensando na evolução da literatura infanto-juvenil, que se pensou nesta monografia, para mostrar a possibilidade de se trabalhar literatura de qualidade também no âmbito infanto-juvenil, como faz Bojunga, ao deixar seu público se deleitar por meio da fantasia, enquanto desenvolve seu caráter crítico.

A obra “A bolsa amarela” foi publicada em 1976 e conta a história de Raquel, uma menina cheia de imaginação, como muitas crianças de sua idade. Para guardar seus desejos, usa uma bolsa amarela, presente de sua tia Brunilda. Dentro dessa bolsa, no entanto, Raquel não guarda coisas reais, mas sim objetos que servem de alimento para a sua imaginação e criatividade, livrando-a de seu mundo doméstico “repressor”, da falta de compreensão dos familiares que a cercam. O imaginário de Raquel funciona como uma válvula de escape, que dá vazão ao que ela nunca poderia realizar na vida real.

Assim como a obra citada, muitas outras obras da literatura infanto-juvenil se valem do imaginário para manter a atenção do leitor. De acordo com Marx (Laplantine e Trindade, 1996) o imaginário se estabelece como uma solução fantasiosa para as contradições reais. Em “A bolsa amarela”, é por meio do imaginário que Raquel tenta resolver seus problemas de adolescente. Esse mesmo esforço de Raquel ocorre também com o jovem leitor que se identifica com ela e suas fugas por meio da fantasia.

A escolha do romance “A bolsa amarela” foi motivada pelo fato de o livro permitir o desenvolvimento intelectual e social do jovem leitor que, ao se identificar com a obra, com seus personagens pode compreender melhor o mundo em que vive, e pelo fato de a autora mostrar em seus textos uma grande preocupação com o crescimento e amadurecimento da criança, valorizando o indivíduo como ele se apresenta, com suas diferenças, idiossincrasias.

Pensando nesses aspectos é que se desenvolveu este trabalho, que teve como objetivo analisar as diversas representações criadas por Raquel em seu imaginário e como essas representações poderiam influenciar positivamente o leitor, fazendo-o crescer tanto intelectualmente, quanto como pessoa.

1. A LITERATURA DE HOJE

Segundo Cadermatori (2009, p.51), a produção literária infantil deste início de século mostra acentuada inclinação para transcender as fronteiras de gênero e também para estabelecer novas relações entre imagem e palavras.

Dessa forma, os textos deixaram de ser apenas palavras em um papel, tornado-se textos que uniram o verbal e o não verbal, assim, a comunicação visual passou a se destacar nos livros infantis.

A literatura infantil inovadora, de acordo com Cadermatori (2009, p.51) tornou-se podendo ser dividida em dois campos: o do questionamento e o da representação. O primeiro campo seria o campo das obras inovadoras e o segundo; das obras continuadoras. A diferença entre as duas é que as inovadoras discutem o mundo, buscando excitar o leitor e transformá-lo; enquanto as continuadoras apresentam os comportamentos que um leitor deve distanciar de si para uma vida justa nos dias de hoje. A autora lembra, ainda, que seja qual for a obra lida, o objetivo principal é deleitar seu leitor, de modo que o emocione e o desafie. De acordo com Coelho (1991, p.134):

“O que hoje define a contemporaneidade de uma literatura é sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face ao mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, onde ele deve atuar, quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso.”

A literatura atualmente utiliza-se do passado e do presente, criando obras literárias para crianças, jovens e adultos. As narrativas são centradas no Realismo Cotidiano, no Realismo Mágico ou Maravilhoso¹.

¹ O Realismo Cotidiano se apresenta em situações radicadas na vida do dia-a-dia (Coelho 1991, p.139); O Realismo Mágico resulta da fusão real com o Trans-Real ou Maravilhoso. O Maravilhoso ocorre em situações fora do nosso espaço/tempo conhecido ou em um local vago ou indeterminado na terra (Coelho 1991, p.141).

De acordo com Lajolo e Zilberman (1988, p.50 - 52), foi através de Lobato que a literatura ganhou uma nova cara, permitindo divertir e ao mesmo affrontando seu leitor para a luta da democracia e questionando sobre determinados assuntos de interesses sociais.

Lobato é considerado um fenômeno da literatura brasileira porque “(...) rompe, pela raiz, as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas ideias e formas que o nosso século exigia” (Coelho, p.225).

Antes de Lobato, a literatura era de cunho moralista e didático. E para que atingisse seu público alvo, Lobato transformou seu texto em uma leitura agradável, através de uma linguagem simples, valorizando o lúdico e a fantasia acima de tudo.

Durante séculos a literatura exerceu um papel preponderantemente pedagógico, por exemplo, sendo usado para o ensino linguístico e os que dificilmente liam obras literárias nas aulas, e, quando as liam, não era adequada à capacidade e aos interesses dos alunos.

Em meados do século XIX começaram a ser escritos livros para cada etapa escolar. No ensino primário, cobrava-se a leitura de uma novela, e, no ensino secundário, as leituras eram restritas aos discursos orais e escritos, fundamentados a partir da leitura de autores gregos e latinos. Logo, a aprendizagem se restringia a ler e escrever, e estava sempre focada em atividades de memorização e decodificação de conteúdos. Esses fatos culminaram no fracasso do leitor, no final da década de 60.

Mesmo com tantas limitações, a literatura evoluiu: houve incentivo às bibliotecas, os livros passaram a ser estudados de acordo com a faixa etária dos alunos. Dessa forma, na segunda metade do século XX, pode-se dizer que a literatura progrediu. Apareceram muitas teorias literárias que contribuíram para que a literatura caminhasse sempre na linha da reflexão, como afirma Colomer (2007): a literatura converteu-se em um ponto de reunião de diferentes disciplinas e seu valor como construção cultural das pessoas foi assegurado por autores de diversas áreas: da psicologia cognitiva, como Bruner; da teoria literária, como Bajtin e Ricoeur, e do campo da didática, como Reuter ou Bronckart.

Em resumo, o objetivo da literatura atual é o desenvolvimento interpretativo do leitor capaz de torná-lo competente mediante suas leituras.

Em 1975, um porco, personagem da obra “Angélica”, de Lygia Bojunga, ajudou a literatura infantil brasileira a mudar a representação da criança. Metaforicamente, ele representava a luta das crianças para aceitarem seus defeitos e peculiaridades e encontrarem seu mundo. Lygia, em suas obras, busca apresentar ao seu público, o interior da criança, sem fugir ao padrão da literatura infantil, trocando o tempo do “era uma vez” para o presente. Os animais foram de suma importância para suprir as expectativas do leitor, que vivenciavam situações conflituosas consigo mesmo. Em “Angélica” e em “Os colegas”, os animais buscam se encontrar, descobrindo sua identidade e se aceitando. Em “A Bolsa Amarela”, como afirma Zilberman (p.72), existe um processo de liberação interior que se completa com esse terceiro livro de Lygia, porque ele narra o percurso de uma personagem na direção da segurança pessoal e da criatividade.

Foi através do livro “A Bolsa Amarela” que os modos de se trabalhar com livros para crianças foram modificados, isso não quer dizer que só os animais deveriam ser personagens, até porque, Lobato tornou famosos os meninos “Pedrinho” e “Narizinho” em suas obras. Mas foi Lygia, através de suas palavras, que verdadeiramente conseguiu desvendar o universo interior da criança.

Ana Maria Machado criou personagens que se aproximam de Raquel, personagem de “A bolsa amarela”. Em “O Menino que espiava pra dentro”, 1983, ela conta a história de um garoto que gostava de viver em um mundo imaginário e isolado, assim como Raquel, criando um amigo chamado Talento, com quem Lucas conversava. É através desse amigo que Lucas é conduzido a voltar à realidade, superando a solidão.

Tanto em “A Bolsa Amarela”, quanto em “O Menino que Espiava pra Dentro”, conforme Zilbermam (2005), está em questão a tradução do mundo interior de uma criança, usando-se um procedimento narrativo facilitador da compreensão, pelo próprio leitor, daquilo que é representado.

O que se quis demonstrar através dessas poucas linhas, é que todas as histórias que foram comentadas procuraram focar o mundo da criança, dando vazão

à fantasia cheia de desejos não realizados e reprimidos pela realidade. A literatura infanto-juvenil, com o tempo, conseguiu demonstrar o valor do mundo interior da criança que podia tê-la como meio de ajuda para solucionar seus problemas.

2. LYGIA BOJUNGA E SUAS OBRAS

Lygia Bojunga Nunes, escritora brasileira, nasceu em Pelotas, Rio Grande do Sul, no dia 26 de agosto de 1932, e cresceu numa fazenda. Aos oito anos de idade, foi para o Rio de Janeiro onde em 1951 se tornou atriz numa companhia de teatro que viajava pelo interior do Brasil. A predominância do analfabetismo que acompanhou nessas viagens levou-a criar uma escola para crianças pobres do interior, que coordenou durante cinco anos. Trabalhou durante muito tempo para o rádio e a televisão, antes de iniciar como escritora de livros infantis em 1972.

Para ela, o cotidiano está repleto de magia. Desejos que achamos impossíveis de realizar acabam tornando-se reais, e alfinetes e guarda-chuvas conversam tão obviamente como peões e bolas. Animais vivem vidas tão diversificadas e vulneráveis como as pessoas. Imperceptivelmente, o concreto da realidade transforma-se noutra coisa, não num outro mundo, mas num mundo dentro do mundo dos sentidos, onde a linha entre o possível e o impossível não é tão nítida.

Em Lygia, a tristeza vive juntamente com o conforto; a calma com a aventura e no centro da fantasia da escrita está a criança, muitas vezes sozinha e largada, sempre sensível, sempre cheia de fantasias. Numa prosa lírica e marcante, a autora pinta as suas imagens e não se importa se a solidão é muito amarga, há sempre um sorriso que expressa uma compaixão com os menores, sem se tornar sentimental.

De acordo com a escritora infanto-juvenil:

“A preocupação que eu sinto diante da iniquidade social do nosso sistema está, de fato, muito presente dentro de mim. Então, é aquela história: essa preocupação – ainda mais grandona – vai forçar uma saída (nem que seja pelo ladrão), e acaba escorrendo pelo meu texto, misturada dos elementos exorcizáveis. Mas vou ficar contente se, com isso, eu for contagiando quem me lê a prestar atenção em gente que está com fome” (Sandroni, 1987, p.170).

A autora constrói suas narrativas baseada na perspectiva da criança, enxergando o mundo com olhos infantis. Assim, tudo se torna possível: os seus personagens podem fantasiar um cavalo no qual cavalgam a galope ou desenhar uma porta na parede, pela qual ultrapassam em seguida. As fantasias servem geralmente para ir além das experiências pessoais difíceis: quando a personagem principal em “Corda Bamba”, 1979, usa uma corda para entrar em uma casa estranha com muitas portas fechadas, do outro lado da rua, é na prática uma forma de curar a tristeza depois de ter perdido os seus pais numa morte inesperada.

Em “A Casa da Madrinha”, 1987 percebemos depressa que as experiências fantásticas de Alexandre durante a sua busca pela casa longínqua de sua madrinha são na realidade a concretização das fantasias de felicidade e amparo de um menino abandonado que vive nas ruas. A fantasia psicológica de Bojunga emerge novamente nos contos com animais: quando o tatuzinho Vítor em “O Sofá Estampado”, 1980, sente-se nervoso, começa a tossir e arranhar o sofá, até entrar, um pouco mais tarde, nos seus tempos de infância.

A psicologia² e o realismo mágico³ unem-se numa idéia fixa pela democracia e pelo social. Bojunga começou suas narrativas na época da ditadura militar no Brasil. Conforme a escritora, os generais não liam livros destinados para crianças e adolescentes. Em seus livros suas mensagens eram sempre passadas de forma humorada, induzindo o leitor a refletir sobre desigualdades social e desigualdade entre sexos, através de seus personagens.

“A Bolsa Amarela”, 1976, obra que já tem lugar definido na literatura infanto/juvenil brasileira, é um divertido romance de aprendizagem, narrado em primeira pessoa, o qual conta a história de uma menina que, para se livrar de três grandes vontades crescentes em sua vida, acaba por escondê-las dentro de uma bolsa amarela dada por sua tia Brunilda. A partir daí Raquel começa a viver situações estranhas. Os sonhos inflados de Raquel são perfurados por um alfinete e transformados em pipas de papel que voam para bem distante a favor dos ventos.

² Estudos das atividades mentais e do comportamento de um indivíduo ou grupo. Dicionário de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva; 2009.p, 614.

³ Situações resultantes da fusão do Real com o Trans-Real ou Maravilhoso (COELHO, 1991, p. 141)

Através dessas situações, tudo vai se tornando cada vez mais real, impossibilitando-se determinar as fronteiras do real e do imaginário.

Bojunga tem o dom da narrativa oral que prende o leitor desde a primeira página. Também escreveu peças teatrais e gosta de usar descrições cênicas. Num dos seus livros, “Angélica”, 1975, incluiu uma peça de teatro completa. Não é sempre a história em si que é o mais importante nos seus livros, por vezes unem-se a ela acontecimentos em longas cadeias, em que o personagem principal poderá desaparecer do centro de atenção. A predominância está na própria narrativa, com os seus tons humorísticos e poéticos; e na sensação estranha de liberdade que brota através do “maravilhoso e do fantástico”, mundo em que tudo é possível. A forma apurada da escritora espalha emoções e contribui intensamente para a extraordinária beleza dos seus livros.

Esta expressão é talvez mais marcante em “O Meu Amigo Pintor”, 1978, que apresenta como personagem um menino, que tenta superar a sua tristeza pela morte de um pintor com a ajuda das cores. Um relógio é amarelo ao bater as horas, para voltar a ser branco quando para. Amarelo é a cor predileta de Bojunga, ligada à alegria da vida, tornou-se o tema preferido desde o seu primeiro livro “Os Colegas”, 1972.

Por vezes, Bojunga prefere estar na realidade e mostrar então o seu olhar psicológico penetrante: “Seis Vezes Lucas”, 1995, descreve, assim como na obra “Tchau”, 1984, a infidelidade, os conflitos matrimoniais e o divórcio do ponto de vista fraco da criança. Bojunga entra sem medo no domínio dos adultos, na sua escolha de justificativas, encostando-se com todo o direito à sua enorme capacidade de concretizar e representar as sombras interiores em histórias fáceis de entender.

No livro “Retratos de Carolina”, 2002, a autora publica um trabalho na linha entre o humor e o sério, experimentando novos caminhos. Em uma narrativa que se aproxima do meta-romance, permite que o leitor siga o personagem principal desde a infância até à vida adulta. Deste modo, rompem as fronteiras da literatura infanto-juvenil e completa assim as aspirações que enuncia no texto final e no prefácio do livro: dar lugar a si próprio e às personagens que criou dentro de uma só casa, “uma casa que eu inventei”.

Recebeu vários prêmios, entre eles, o Prêmio Jabuti (1973), o prestigiado Prêmio Hans Christian Andersen (1982) e o Prêmio da Literatura Rattenfanger (1986). Mas foi após o prêmio Andersen, que a obra de Lygia se espalhou pelo mundo, sendo publicada em vinte e um idiomas.

Ao receber a medalha do prêmio Andersen, a opinião de diversos jurados foi transcrita no Jornal do Brasil, em um artigo de Ana Maria Machado, membro do júri, nesta época: ⁴

“É um dos autores mais originais que já tivemos a oportunidade de ler. Tem uma linguagem absolutamente própria, que prende o leitor. E cada frase tem uma mensagem subjacente. Além de construir uma obra muito inteligente, consegue criar um universo onde a fantasia é totalmente livre. A ausência de fronteiras entre o realismo e a fantasia faz de seus livros um mundo fascinante. Na medida em que desenvolver mais sua obra, terá um lugar garantido entre os mestres da literatura infantil. O adulto lê suas histórias com tanto prazer quanto as crianças. E esse prazer é mesmo muito grande. A riqueza de suas metáforas é espantosa, bem como seu domínio técnico na elaboração da narrativa, e na perfeita fusão do social com o individual. Consegue ultrapassar as tradições de sua própria sociedade, mesmo se mantendo muito brasileira. Nenhum dos outros concorrentes apresenta tantas condições de ser uma contribuição duradoura para crianças, nem tanta capacidade de influenciar os outros. Estamos diante de algo que é absolutamente novo. Ainda que profundamente fiel às fontes brasileiras, tem uma ressonância universal.”

⁴ O trecho citado, da escritora Ana Maria Machado foi retirado do site www.casalugiabojunga.com.br.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa, cujo objetivo foi estudar as representações do imaginário da personagem Raquel no romance infanto-juvenil “A Bolsa Amarela”, de Lygia Bojunga (2006), teve como base os pressupostos teóricos de Colomer (2003), Zilberman (1987), Cadermatori (1982) e Radino (2003) no que tange ao estudo da literatura infanto-juvenil. A escolha de tais teóricos foi definida pela importância que têm para o assunto citado.

Zilberman trata em sua obra da conjugação entre fantasia e realidade. Segundo a estudiosa, a literatura se constrói na duplicidade entre o mundo coerente, racional e o alimentado pela fantasia, pelo imaginário do autor. A fantasia, no entanto, não faz com que se perca o alicerce no real. Esse caráter ambivalente da literatura também atinge o leitor, já que aciona sua fantasia e requer dele um posicionamento intelectual, racional. Zilberman e Cadermatori ressaltam o papel formador da literatura infanto-juvenil, dizendo que a literatura deve formar, porém não no sentido pedagógico, mas no sentido de prover conhecimento cultural, de mundo, do ser humano.

Colomer também foi importante para o desenvolvimento da análise da obra “A bolsa amarela”, pois percebe bem como o imaginário se configura na obra literária infantil e, conseqüentemente no leitor. Segundo a autora,

O desenvolvimento da fantasia moderna supôs a criação de novos imaginários de ficção, a partir de diversos caminhos [...] : a alteração da vida cotidiana dos personagens ao irromperem elementos fantásticos, a especulação especulativa sobre o funcionamento ou conseqüências de fenômenos e mundos possíveis, a desmistificação de elementos fantásticos tradicionais e o jogo metaliterário sobre as regras da construção narrativa. E a fantasia é também o instrumento privilegiado, tanto para resolver o conflito psicológico das personagens, quanto para a denúncia das formas de vida da sociedade pós-industrial. (COLOMER, 2003, p.242).

A narrativa de Bojunga aborda o cotidiano por meio do fantástico, desnudando o conflito da personagem Raquel. O leitor tende a identificar-se com a personagem e seu mundo de fantasia, fazendo uso de seu imaginário, também, para

refletir sobre sua própria vida. O real e o imaginário se misturam, mas a fantasia funciona como um meio de se solucionar os problemas da vida real.

Radino traça alguns aspectos da literatura infantil, desde os primórdios, com os contos populares, até a contemporaneidade.

As obras de Zilberman(2005) e Sandroni (1997) ajudaram na análise do romance de Bojunga, porque permitiram que se discutissem os problemas da realidade contemporânea presentes em “A bolsa amarela”, ao mesmo tempo que possibilitaram uma análise do mundo do sonho e da fantasia. As autoras citadas ainda apoiaram a discussão dos espaços vazios do romance de Bojunga, que mobilizam o jovem leitor, convidando-o a refletir sobre suas experiências anteriores, a partir do confronto com o horizonte trazido pela obra. Sandroni aponta o fato de Bojunga seguir a linha do Realismo Mágico, inovando-o, em suas palavras

Trabalha sua narrativa em dois planos: o horizontal, em que se desenvolvem fatos sequenciais vividos pelos diversos personagens, e o vertical, no qual a narrativa volta-se para os problemas interiores de cada um, característicos da infância (SANDRONI, 1987, p.74)

Fundamentaram os estudos sobre o imaginário os autores: Laplantine e Trindade (1996), Todorov (1992) e Rodrigues (1988), por meio deles foi possível vislumbrar os caminhos traçados pela autora, por meio da narrativa escolhida, para ajudar as crianças e jovens a descobrirem sua identidade, abrindo-lhes caminhos para o auto-conhecimento e para a resolução de seus conflitos interiores ao valerem-se da imaginação. Rodrigues foi útil para o desenvolvimento do trabalho, porque sua teoria permite traçar um panorama do fantástico, abordando seu histórico na literatura e distinguindo suas linhas, a saber: o mágico, o maravilhoso, o alegórico, entre outros tipos. Além disso, a autora retoma os estudos de Todorov, outro autor de fundamental importância para a pesquisa em questão.

O fantástico opera segundo Todorov (1992), em sua obra “Introdução à literatura fantástica”, no campo da ambiguidade, da hesitação, situado em uma fronteira tênue entre a possibilidade de uma explicação dos fenômenos tidos como “estranhos” e a aceitação do sobrenatural. Há, de acordo com o autor, três condições a serem preenchidas para que uma obra seja de cunho fantástico:

Primeiro, é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo dos personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. A seguir, esta hesitação pode ser igualmente experimentada por uma personagem [...]. enfim é importante que o leitor adote uma certa atitude para com o texto: ele recusará tanto a interpretação alegórico, quanto a interpretação poética (TODOROV, 1992, p.38-39).

Se, de acordo com Todorov, os acontecimentos sobrenaturais forem explicados racionalmente, não se estará no campo da narrativa fantástica em si, mas do que ele denomina fantástico “estranho”. Caso o sobrenatural seja aceito sem questionamentos, estabelece-se o “maravilhoso”.

4. A BOLSA AMARELA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A Bolsa Amarela de Lygia Bojunga Nunes está dividido em dez capítulos, assim nomeados: “As vontades”, “ A bolsa amarela”, “O galo ”, “Historia do alfinete de fralda”, “ A volta da escola”, “O almoço”, “Terrível vai embora”, Historia de um galo de briga e de um carretel de linha forte”, “Comecei a pensar diferente” e “ Na praia”.

Muitos conflitos acontecem durante a vida. Expectativas, medos, frustrações e sucessos são essenciais para a formação do caráter do ser humano. O romance “A bolsa amarela” trata de forma metafórica questões ligadas a estes conflitos, em que crianças enfrentam questões relacionadas aos seus sonhos e expectativas. O livro apresenta também situações do convívio familiar que, muitas vezes, apresentam-se de forma autoritária e controladora, não permitindo que as crianças tenham vontades próprias.

O refúgio encontrado por Raquel, protagonista da obra infantil em estudo, é uma bolsa onde são escondidos seus sonhos, a imaginação desta menina supre com a fantasia aquilo que é importante na sua formação como pessoa, já que sua família não lhe permite sonhar.

Com um enredo leve, a autora nos leva a refletir sobre a formação da criança e a participação dela na sociedade.

Segundo Brait (2000, p.29), durante muito tempo, o termo aristotélico “mimesis” foi explicado como espelho da pessoa humana, para que se analisasse o conceito de personagem. Em seus textos, Aristóteles nos apresenta “a personagem como construção, cuja existência obedece às leis particulares que regem um texto”. Para ele, não cabia apenas ao poeta narrar o real, mas sim, através da realidade, entrelaçar a verossimilhança e a necessidade.

Para Candido (1987, p.54) “a personagem representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificação, projeção e transferência”. Por esse motivo, é de fundamental importância se fazer um estudo acerca da personagem, bem como do tempo e do espaço em que se insere, já que o

personagem duela durante toda a narrativa com o mundo ao seu redor, tornando-se viva.

A personagem tenta se descobrir a todo o momento, na busca constante de sua identidade. Como afirma Coelho (1991, p.51), “a criança tenta construir sua própria imagem e se depara com estímulos e interdições aos seus impulsos”. Assim age Raquel e provavelmente as crianças e adolescentes leitores de “A bolsa amarela”. As crianças normalmente repartem suas vontades com seres inanimados que acabam ganhando vida com os outros personagens. A personagem é um ser fictício responsável pela ação.

O romance “A bolsa amarela” permite a adesão ao mundo imaginário, proporcionando uma descarga emocional, que leva o leitor a se encontrar no mundo real.

A obra “A bolsa amarela”, de Lygia Bojunga Nunes, é um romance que se desenvolve através de três vontades da personagem Raquel. Suas vontades eram: deixar de ser criança, ter nascido garoto e escrever. Segundo a personagem é difícil saber qual das três vontades a influencia mais:

“Nem sei qual das três me enrola mais. Às vezes acho que é a vontade de crescer de uma vez e deixar de ser criança. Outra hora acho que é a vontade de ter nascido garoto em vez de menina”. (Bojunga, 2009, p.9)

Raquel é uma menina criativa e sensível e muito questionadora, infelizmente muitas vezes incompreendida pelos mais velhos, conforme se nota na citação abaixo, quando Raquel conversa com André, seu amigo imaginário:

“Não adianta, André: gente grande não entende a gente. E então é melhor eu nem te escrever mais”. (Bojunga, 2009, p.18)

Ao conter essas vontades, a menina acaba vivendo um conflito entre seus familiares e ela mesma. Ela ganha uma bolsa usada de sua tia e esconde nela suas vontades e fantasias, vivendo, dessa forma, entre a realidade representada por sua família e suas fantasias reveladas aos amigos “secretos”.

Raquel era a filha mais nova, tinha um irmão e duas irmãs. Como acontece na maioria das famílias de baixa renda, os pais saem para trabalhar e os filhos mais

velhos tomam conta dos mais novos. Era o que acontecia na família de Raquel, seu irmão fazia faculdade, a irmã mais velha trabalhava e a mais nova ficava com Raquel. Dessa forma, a menina era privada de muitas coisas comuns no universo infantil, como não poder ir à casa de seus colegas e nem poder levá-los a sua casa.

O irmão de Raquel zombava das histórias da garota e não admitia que ela tivesse amigos homens, como se nota no trecho abaixo:

- Escuta aqui: por que é que você acha que eu vou acreditar nessa historia?
- Porque é verdade, ué.
- Ele é teu namorado? é aluno lá da escola?
- Que que há? tô dizendo que ele é inventado. Invento onde é que ele vai escrever, invento o que ele vai dizer, invento tudo. Meu irmão fez cara de gozação:
- E por que é que você inventou um amigo em vez de amiga?
- Porque eu acho muito melhor ser homem do que ser mulher. (Bojunga, 2009, p.16)

Fica claro, nesse excerto da obra, a temática “machismo”, mostrada através do pensamento do irmão de Raquel. Tudo para o homem parece ser permitido, enquanto a mulher é delineada como um ser frágil e sem direito a opiniões inovadoras, restrita a cuidar da casa e dos filhos sem poder questionar sua condição.

Na narrativa, além dos familiares de Raquel já comentados, aparecem os personagens mágicos e objetos que ganham vida, como o galo rei, o galo terrível, um guarda-chuva mulher e um alfinete de frauda.

O galo rei surgiu de um romance inventado por Raquel. Ele era tomador de conta de galinhas e como não gostava de mandar nelas, resolveu fugir. Após sua fuga, torna-se morador da bolsa amarela e escolhe mudar seu nome para Afonso.

O galo terrível era primo do galo rei e teve seu pensamento costurado com uma linha bem forte pelos seus donos, que o criaram para viver lutando e ser sempre ganhador, conforma atesta o seguinte fragmento:

“Botaram na cabeça dele que ele tinha que ganhar de todo mundo. Sempre. Disseram até, não sei se é verdade, é capaz de ser invenção, que costuraram o resto do pensamento dele com uma linha forte. Pra não rebentar. E pra ele só pensar: “eu tenho que ganhar de todo mundo”, e mais nada”. (Bojunga, 2009, p.56)

O guarda-chuva também é um personagem relevante. Encontrado pelo galo Afonso, o objeto foi dado de presente à Raquel pelo animal. O objeto, assim como Raquel, não queria ser sempre pequeno e ser do sexo que era, por isso, pediu a seu criador para lhe fazer de uma forma que pudesse ser mulher:

“E o homem então fez um guarda-chuva do tipo que estica e fica grande se a gente puxa o cabo com força. (Bojunga, 2009, p.49)

Por fim, aparece o alfinete de frauda encontrado na rua por Raquel. Ele riscava na mão dela para dizer as coisas, pois não sabia falar:

“E ela começou a riscar na minha mão tudo que o Alfinete queria dizer:

- Me guarda? Já não aguento mais viver aqui jogado: passa gente em cima de mim; chove, eu fico todo molhado, pego cada ferrugem medonha; e cada vez que varrem a rua eu esfrio: “ pronto! Vão achar que eu não sirvo mais pra nada, vão me jogar no caminhão do lixo;” (Bojunga, 2009,p. 43/44)

Depois dessa breve análise das personagens, faz-se necessário traçar alguns comentários acerca de outros elementos da narrativa, como o tempo.

Cândida Vilares Gancho, em seu livro “Como analisar narrativas”, ensina que o tempo dos acontecimentos de uma história pode ser cronológico ou psicológico. O tempo cronológico é aquele que transcorre na ordem natural dos fatos no enredo, isto é, do começo para o fim. Chama-se cronológico por ser mensurável em horas, dias, meses, anos e séculos. E o tempo psicológico transcorre numa ordem determinada pelo desejo ou pela imaginação do narrador ou dos personagens.

“A bolsa amarela” apresenta tempo cronológico em alguns momentos. No entanto, predomina o tempo psicológico, quando se trata da imaginação de Raquel. Vejamos através dos trechos retirados do capítulo intitulado “As vontades”:

Faz tempo que eu tenho vontade de ser grande e de ser homem. Mas só no mês passado que a vontade de escrever deu para crescer também. (Bojunga, 2009, p.10)

Dois dias depois chegou à resposta. Estava escrito bem no cantinho do papel que embrulhava o pão: (...) (Bojunga, 2009, p.12)

Fica claro, através dos exemplos acima, que o tempo da enunciação segue a ordem cronológica dos acontecimentos na narrativa. Entretanto, podemos observar que essa sequência temporal está presente no capítulo citado, e não em todos os momentos do romance.

O romance é narrado em primeira pessoa. A personagem-narradora expõe seus conflitos familiares na busca de sua identidade, utilizando sua imaginação de modo a solucionar seus conflitos.

Em relação à linguagem na obra em estudo, Bojunga busca sempre o coloquial, promovendo a empatia, talvez por ela buscar a criança dentro de si mesma, o que leva suas obras a interessar diversos tipos de leitores, de variadas idades.

5. O MUNDO IMAGINÁRIO EM “A BOLSA AMARELA”

Neste capítulo, pretende-se mostrar como é importante a imaginação no desenvolvimento de uma pessoa, pois através das narrativas, o público infanto-juvenil que a lê consegue ultrapassar problemas existentes em suas vidas, tornando-se mais forte para enfrentar o mundo que os rodeia.

Para iniciarmos este estudo, teremos o auxílio de alguns conceitos e teorias.

O Houaiss, Dicionário de Língua Portuguesa, define a palavra imaginação como “faculdade que possui o espírito de representar imagens, faculdade de criar a partir de ideias, logo, o imaginário é o que não é real”.

Para que uma pessoa amadureça psicologicamente e emocionalmente, o recurso do “maravilhoso” é sem dúvida, um componente extraordinário. O “maravilhoso”, de acordo com Todorov (1992, p.49), corresponde a um fenômeno desconhecido, jamais visto, por vir: logo, a um futuro; no estranho, em compensação, o inexplicável é reduzido a fatos conhecidos, a uma experiência prévia, e daí ao passado. Fica claro que o maravilhoso é um mundo de faz de conta, onde as coisas passam a ter alma, bichos podem falar e participar da vida de personagens, como ocorre no romance em estudo.

Percebemos que um ser se desenvolve em uma sociedade vivenciando as situações reais, unidas ao seu mundo imaginário, construindo, assim, suas reflexões sobre o hoje e o amanhã, de forma que haja um crescimento, principalmente como pessoa.

Os personagens de um livro, além de divertirem seus leitores, também levam à reflexão, questionando comportamentos de uma pessoa e, muitas vezes, denunciando questões como o autoritarismo, presente em “A bolsa amarela”.

Liana Trindade e François Laplantine (1996) afirmam que o imaginário não apenas previne situações futuras, mas orienta-se para um provir não suspeitado, não previsto. A determinação deste futuro virtual é acometida por uma imaginação transgressora do presente dirigida à consecução de um possível não realizável no presente, mas que pode vir a ser real no futuro.

Não se deve jamais quebrar o prazer de uma criança em viajar pela imaginação, deve-se sim mostrar a elas que a imaginação pode as levar à razão. Através da psicanálise, atualmente, pode-se entender melhor como as leituras ajudam no processo de desenvolvimento de uma criança. De acordo com Radino (2003 p.115), a psicanálise trouxe contribuições importantíssimas para conceituação da fantasia, mostrando que, para o psiquismo, não importa se falamos de uma realidade concreta ou de uma fantasia. Dessa forma, podemos perceber que foi a psicanálise que deu o primeiro passo no sentido de desmistificar que a verdade deve ser completa e jamais parcial, e mostrar que tudo que é real sempre deixa brechas, mesmo que inconscientemente, pelo desejo por algo.

A fantasia, apesar da evolução da tecnologia, ainda encanta crianças, jovens e até adultos, pois todos precisam de algo que alimente o interior. Nesse sentido, nota-se que a fantasia dá vigor à vida das pessoas, controlando nossas angústias e realizando nossos desejos. Como afirma Radino (2003, p.117), a psicanálise demonstra que os contos de fadas são importantes para as crianças, justamente porque são metáforas de processos que elas vivem inconscientemente. Eles auxiliam a tornar as angústias e desejos das crianças compreensíveis. É através de uma linguagem simples que as histórias infantis transportam seus leitores para as questões vivenciadas por eles, questões essas que os angustiam, incomodam e que, por isso, buscam uma explicação. Por meio de um livro, pode-se entender melhor a vida, os problemas mal resolvidos.

No livro em análise, percebe-se a busca da personagem “Raquel” em dar sentido a sua vida, pois a mesma vive em uma família que não lhe dá atenção e a deixa sempre com um pensamento: “por que sou rejeitada por todos?” Ela cresceu ouvindo suas irmãs comentarem coisas que a desagradavam: “A Raquel nasceu de araque. A Raquel nasceu fora de hora. A Raquel nasceu quando a mamãe não tinha mais condição de ter filho”. (Bojunga, 2009, p.11)

Raquel era sempre inferiorizada em relação aos seus irmãos: ninguém parava um minuto para brincar com ela; quando sua tia Brunilda mandava coisas usadas que não serviam mais para ela para serem divididas entre os irmãos, Raquel sempre ficava excluída das escolhas. Porém, certo dia, sobrou-lhe a bolsa amarela:

"Aí aconteceu uma coisa diferente: de repente sobrou uma coisa pra mim.

- Toma Raquel, fica pra você.

Era a bolsa". (Bojunga, 2009,p.26)

O que chama muita atenção na vida de Raquel é que em toda família a caçula sempre é muito mimada, muitas vezes todos em sua volta realizam suas vontades e desejos, ou seja, ela não é a pessoa de destaque da casa por ser a caçula. Ela no fundo luta consigo mesma por um espaço que não tem e pelo direito de escolha, pois nem suas ideias são consideradas.

Após se ter detectado essa rejeição vivenciada por Raquel, reiteram-se as palavras de Radino (2003, p.117):

A linguagem do símbolo é linguagem da emoção, da afetividade, que não foi informada, disciplinada, ordenada, refletida, em suma, racionalizada. Não é uma linguagem nem superior nem inferior a do signo, é simplesmente diferente. É a linguagem que permite que os desejos se expressem porque lhes dá um rosto: rosto esse reconhecido por quem se permite acreditar/sentir o mistério das coisas, dos outros, de si-por quem se propõe desvendá-lo sem ser com os olhos da razão lógica.

Quando a criança se permite viajar pela imaginação ela consegue controlar seus problemas e conflitos, sendo capaz de crescer como pessoa. Pois ela luta para defender o que quer, tentando se libertar do domínio dos pais e irmãos. E é justamente na infância que as leituras podem colaborar para que a criança resolva os problemas à sua volta. Portanto para fechar este pensamento nada melhor do que a citação de Nelly Novaes Coelho (1982, p.34):

[...] a criança é levada a se identificar com o herói bom e belo, não devido à sua bondade e beleza, mas por sentir nele a própria personificação de seus problemas infantis: seu inconsciente desejo de bondade e de beleza e, principalmente, sua necessidade de segurança e proteção. Identificada com os heróis e heroínas do mundo maravilhoso, a criança é levada, inconscientemente, a resolver sua própria situação superando o medo que a inibe e ajudando-a enfrentar os perigos e ameaças que sente à sua volta e assim, gradativamente, poder alcançar o equilíbrio adulto.

As narrativas, utilizando simbologias, mostram-se como ferramentas didáticas poderosas que conduzem a aprendizagem como forma de fortalecer os conceitos e valores necessários para se superar as dificuldades, seja exemplificando casos semelhantes ou como apoio durante a formação da criança e as possíveis dificuldades do dia- a- dia, durante seu crescimento.

Intuitivamente, as crianças absorvem as narrativas, que mesmo não sendo verdadeiras, demonstram similaridade com o cotidiano e suas próprias vivências. Independente da época, a literatura é importantíssima no sentido de auxiliar o desenvolvimento infantil. Para as crianças as narrativas são como um farol que servem como referência para compreender a vida.

Sob a ótica psicanalítica, histórias como “A bolsa amarela servem também para ajudar na construção da personalidade, não só como uma referência, mas como auxiliares na troca de experiências, ajudando na inserção da criança em grupos, permitindo a socialização.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurei apresentar, neste trabalho, como as representações do imaginário da personagem Raquel, poderiam estimular o imaginário do público infanto-juvenil que lê a obra “A bolsa amarela”. Através da linguagem usada por Lygia Bojunga, que se aproxima ao máximo do universo infantil, o livro transforma-se em um espelho para o leitor, mostrando muitos aspectos do mundo real e ensinando valores necessários para o crescimento e amadurecimento das crianças e jovens. Leituras de obras como “A bolsa amarela”, de Lygia Bojunga resgata assuntos polêmicos vividos no dia-a-dia, possibilitando ao seu leitor vivenciar problemas existenciais e buscar formas de solucioná-los, amadurecendo psicologicamente. Enfim, “A Bolsa Amarela” leva o público a uma viagem ao interior e, ao término desta viagem, ele pode, muitas vezes, se considerar fortalecido para encarar o mundo à sua volta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CADERMATORI, L. *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica, 1982.

COELHO, N. *A literatura Infantil: História, Teoria, Análise*. São Paulo, Editora Global, 1982.

_____, N. *Panorama Histórico da literatura infantil, juvenil*. São Paulo: Ática, 1991.

COLOMER, T. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. *Literatura Infantil Brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1998.

LAPLANTINI, F. e TRINDADE, L. *O que é imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

NUNES, L. B. *A bolsa amarela*. Rio de Janeiro: Casa de Lygia Bojunga, 2009.

RADINO, G. *Contos de Fadas e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento infantil*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

RODRIGUES, S. M. *O fantástico*. São Paulo: Ática, 1988.

SANDRONI, L. *De Lobato à Bojunga*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

ZILBERMAN, R. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.